ISSN: 2358-8829

TEATRO NEGRO E EXTENSÃO UNIVERSITÁRIA: O MONÓLOGO "PELE PRETA" NO CONTEXTO DAS APRENDIZAGENS ANTIRRACISTAS

Alessandra Augusta Lima dos Santos [1]
Arthur Cassio de Oliveira Vieira [2]

INTRODUÇÃO

O debate sobre as relações raciais no Brasil exige, de forma premente, o desenvolvimento de metodologias e linguagens capazes de atravessar a frieza dos dados estatísticos e alcançar a dimensão sensível e subjetiva da experiência vivida. O racismo estrutural, ao se manifestar nas mais diversas instâncias sociais, atua não apenas como um sistema de privação material, mas como um mecanismo continuado de interdição discursiva, desumanização e apagamento de corpos e memórias negras. Diante desse cenário, a linguagem artística — e, em especial, a estética do Teatro Negro — emerge como um potente dispositivo epistemológico e político de denúncia, visibilização e reexistência.

É nessa confluência entre criação poética, pesquisa acadêmica e engajamento comunitário que se situa o monólogo Pele Preta, obra teatral escrita, dirigida e encenada pela artista-pesquisadora Alessandra Augusta, mestranda do Programa de Pós-Graduação em Artes Cênicas da Universidade Federal do Rio Grande do Norte (UFRN). A montagem constrói uma cena inquietante e reflexiva a partir do entrecruzamento entre a narrativa autobiográfica da atuadora e relatos de vida de outras mulheres negras, convertendo vivências de dores, resistências e decolonalidade em matéria cênica.

Em novembro de 2024, o espetáculo integrou as ações do I Circuito de Teatro e Dança Caravana Cultural, ação continuada de circulação artística promovida pela

[1] Professora Substituta do Curso de Teatro da Universidade Federal do Rio Grande do Norte - UFRN. Mestranda no Programa de Pós-graduação em Artes Cênicas da UFRN – PPGARC/UFRN, alessandraaugusta.teatro@gmail.com.
[2] Professor Doutor do Departamento de Educação da Universidade Federal do Rio Grande do Norte - UFRN, arthur.oliveira@ufrn.br ;

Pró-Reitoria de Extensão da UFRN (PROEX/UFRN). A circulação do monólogo teve como destino o auditório do Centro de Ensino Superior do Seridó (CERES), na cidade de Caicó, região semiárida do Rio Grande do Norte, inserindo-se na programação oficial do VI SAARAS (Seminário de Aprendizagens Antirracistas do Seridó). A convergência entre a extensão universitária, o festival acadêmico-comunitário e a cena teatral reafirma o compromisso institucional da universidade pública com a descentralização do acesso à cultura e com o fortalecimento das pautas antirracistas no interior do estado.

O objetivo deste artigo é relatar e analisar analiticamente a experiência pedagógico-artística vivenciada em Caicó-RN. A proposta estruturou-se na indissociabilidade entre ensino, pesquisa e extensão, articulando a fruição do espetáculo com ações de formação e mediação cultural voltadas a estudantes de licenciatura em Pedagogia e à comunidade local.

Para fundamentar a discussão, o trabalho recorre a um referencial teórico ancorado no pensamento feminista negro e na crítica pós-colonial, mobilizando as contribuições de Djamila Ribeiro (2017) sobre a categoria do lugar de fala; de Grada Kilomba (2019) a respeito das memórias da plantação, do racismo cotidiano e da descolonização da voz; e de Neusa Santos Souza (2021) no que tange aos processos subjetivos do tornar-se negro no contexto brasileiro.

A estrutura deste artigo organiza-se a partir dos seguintes eixos: após esta Introdução, delineia-se o Referencial Teórico, no qual as obras basilares são friccionadas com a prática teatral cênica; em seguida, detalha-se a Metodologia, discriminando as três etapas da intervenção (Oficina formativa, Encenação e Mediação Cultural); apresentam-se os Resultados e Discussões, destacando a recepção estética, os impactos no debate sobre violência de gênero e raça e o diálogo com os futuros educadores; por fim, tecem-se as Considerações Finais e arrolam-se as Referências bibliográficas no padrão normativo.

METODOLOGIA (OU MATERIAIS E MÉTODOS)

A concepção metodológica que orientou a circulação e os desdobramentos do monólogo Pele Preta no I Circuito de Teatro e Dança Caravana Cultural

ISSN: 2358-8829

(PROEX/UFRN), durante o VI SAARAS no CERES/UFRN (Caicó-RN), ancorou-se na práxis da extensão universitária. Assumiu-se a premissa da indissociabilidade entre ensino, pesquisa e extensão, combinando a fruição estética com a formação pedagógico-crítica.

A intervenção foi estruturada em três etapas complementares e encadeadas:

Ação formativa (Oficina de Iniciação Teatral): Realizada previamente à encenação, a oficina foi voltada especificamente a estudantes do curso de licenciatura em Pedagogia do CERES/Caicó. Teve como objetivo introduzir os princípios fundamentais do Teatro Negro, explorando o corpo, a voz e a narrativa autobiográfica como ferramentas pedagógicas antirracistas. A oficina proporcionou aos futuros educadores a vivência de jogos dramáticos e dinâmicas expressivas que tensionaram o racismo estrutural e a valorização da diversidade étnico-racial no espaço escolar.

Encenação performática (Pele Preta): Apresentação do monólogo escrito, dirigido e encenado por Alessandra Augusta no auditório do CERES. A montagem, concebida de forma flexível e adaptável a diferentes configurações espaciais (palco italiano ou arena), utilizou elementos do teatro performático, da contação de histórias e do biodrama. A dramaturgia articulou memórias pessoais da ativista-pesquisadora com relatos de terceiros, construindo uma atmosfera cênica caracterizada pela inquietude, denúncia e sensibilização poética.

Mediação cultural (Bate-papo pós-espetáculo): Espaço de reflexão coletiva realizado imediatamente após a apresentação cênica, reunindo a atuadora, estudantes, docentes e membros da comunidade do Seridó. A mediação cultural operou como uma zona de contato e escuta qualificada, permitindo que os espectadores elaborassem suas impressões estéticas, partilhassem vivências de racismo cotidiano e discutissem estratégias de combate à violência de gênero e raça.

REFERENCIAL TEÓRICO

Para compreender a potência política e epistemológica do monólogo Pele Preta, faz-se necessário tensionar as estruturas que historicamente interditaram a voz de sujeitos negros na sociedade e no meio acadêmico. Em *O que é: lugar de fala?*, Djamila Ribeiro (2017) fundamenta que o conceito de lugar de fala não se reduz a uma delimitação individual de quem pode ou não pronunciar-se, mas diz respeito à

ISSN: 2358-8829

localização social estrutural que condiciona o acesso aos espaços de poder e à produção de conhecimento considerado legítimo.

A autora argumenta que as narrativas hegemônicas construíram uma pretensa universalidade e neutralidade que, na realidade, correspondem à perspectiva do sujeito branco, masculino e elitizado. Nessa dinâmica, a fala dos grupos marginalizados é sistematicamente silenciada ou deslegitimada. Conforme assinala Ribeiro:

> O falar não se restringe ao ato de emitir palavras, mas de poder existir. Pensamos lugar de fala como refutar a historiografia tradicional e a hierarquização de saberes consequente da hierarquia social. (Ribeiro, 2017, p. 84).

No contexto do espetáculo Pele Preta, a presença da mulher negra no centro do tablado do auditório universitário no interior do estado constitui um gesto de ruptura direta com o que a autora denomina de "regime de autorização discursiva". Ao ocupar a cena e narrar a partir de sua própria vivência e de pares, a artista-pesquisadora não apenas reivindica o direito à voz, mas desestabiliza a norma colonizadora. Como destaca Ribeiro:

> Ao promover uma multiplicidade de vozes o que se quer, acima de tudo, é quebrar com o discurso autorizado e único, que se pretende universal. Busca-se aqui, sobretudo, lutar para romper com o regime de autorização discursiva. (Ribeiro, 2017, p. 85).

O teatro, portanto, passa a funcionar como um veículo pelo qual o corpo negro deixa de ser o "Outro" objetificado e assume a posição de sujeito político e epistemológico autor de sua história.

A análise das violências raciais encenadas em Pele Preta encontra ancoragem teórica na obra de Grada Kilomba (2019), *Memórias da plantação: episódios de racismo cotidiano*. A autora utiliza a metáfora da "máscara da escrava Anastácia" para ilustrar a opressão colonial sobre a boca do sujeito negro, um artefato concebido para impor o silêncio, o medo e a impossibilidade de fala.

Kilomba pontua que o racismo cotidiano se manifesta através de uma constelação de episódios que empurram continuamente a pessoa negra para a margem e para a condição de objeto. Diante da interdição da palavra na academia e na sociedade, a escrita e a performance artística emergem como atos de descolonização e cura. Como afirma a autora:

ISSN: 2358-8829

> Escrever este livro foi, de fato, uma forma de transformar, pois aqui eu não sou a 'Outra', mas sim eu própria. Não sou o objeto, mas o sujeito. (Kilomba, 2019, p. 27).

Ao encenar relatos de racismo de gênero e episódios cotidianos de dor e resistência, a cena cênica estilhaça a "máscara do silenciamento". A provocação estética força o espectador — sobretudo o público branco — a sair da zona de conforto e confrontar os segredos e traumas do passado colonial que permanecem vivos no presente. Nas palavras de Kilomba:

> A máscara, portanto, levanta muitas questões: por que deve a boca do sujeito negro ser amarrada? Por que ela ou ele deve ser silenciado? O que poderia o sujeito negro dizer se ela ou ele não tivesse sua boca tapada? E o que o sujeito branco teria de ouvir? Há um medo apreensivo de que, se o sujeito colonial falar, a/o colonizadora/or terá de ouvir. (Kilomba, 2019, p. 41).

O espetáculo atua precisamente nesse ponto de tensão: ao descolonizar o palco e a plateia, transforma a dor e o trauma da subjugação em um espaço de reflexão crítica, reintegração da memória e afirmação da autonomia. O processo cênico culmina no resgate da humanidade e na transição ontológica descrita pela pensadora:

> Todo o processo alcança um estado de descolonização; isto é, internamente, não se existe mais como a/o 'Outra/o', mas como o eu. Somos sujeito, somos quem descreve, somos quem narra, somos autoras/es e autoridade da nossa própria realidade. Assim, regresso ao início deste livro: tornarmo-nos sujeito. (Kilomba, 2019, p. 238).

Para aprofundar os impactos psicossociais e subjetivos representados no monólogo, recorre-se ao trabalho pioneiro de Neusa Santos Souza (2021) em Tornar-se negro: ou As vicissitudes da identidade do negro brasileiro em ascensão social. A autora analisa o sofrimento psíquico decorrente da introjeção da ideologia do branqueamento e do mito da democracia racial no Brasil.

Souza (2021) demonstra que, em uma estrutura social dominada por valores eurocêntricos, o indivíduo negro é induzido a adotar um Ideal de Ego branco. Como ser branco é uma impossibilidade física e ontológica, essa dinâmica gera um sentimento devastador de auto-ódio, negação do próprio corpo e rejeição de suas origens. A autora explicita a gravidade desse processo quando diz que o Ideal do Ego do negro, que é em grande parte constituído pelos ideais dominantes, é branco. E ser branco lhe é impossível (Souza, 2021, p. 73).

ISSN: 2358-8829

A tentativa de responder às exigências de branqueamento causa o que a psicanalista classifica como uma "ferida narcísica" profunda. Para que ocorra o processo de libertação e cura psíquica, é indispensável que a pessoa negra rejeite o Ideal de Ego alheio e construa uma nova referência identificatória fundamentada na positivação de sua história e de seu corpo:

> O negro que elege o branco como Ideal do Ego engendra em si mesmo uma ferida narcísica, grave e dilacerante, que, como condição de cura, demanda ao negro a construção de um outro Ideal de Ego. (Souza, 2021, p. 77).

Nesse sentido, o monólogo Pele Preta dramatiza o próprio percurso do "tornar-se negro". A identidade negra não é encarada como um dado biológico estático ou apriorístico, mas como uma tomada de consciência histórica, política e existencial. Conforme sintetiza a autora em passagem clássica:

> Ser negro não é uma condição dada, a priori, é um vir a ser. Ser negro é tomar posse desta consciência e criar uma nova consciência [...]. Assim, ser negro não é uma condição dada, a priori, é um vir a ser. Ser negro é tornar-se negro. (Souza, 2021, p. 115).

Ao mobilizar a narrativa autobiográfica na cena e na oficina formativa com os estudantes de Pedagogia, a obra cênica atua como um espaço de emancipação. Concede ao artista e ao público os meios para a reconstrução da autoestima e para o exercício da autonomia, fundada na premissa de que "uma das formas de exercer autonomia é possuir um discurso sobre si mesmo" (Souza, 2021, p. 45).

RESULTADOS E DISCUSSÃO

A circulação do espetáculo Pele Preta no auditório do CERES/UFRN, em Caicó-RN, durante o VI SAARAS, revelou a força da arte aliada à extensão universitária na interiorização e democratização do debate antirracista no Seridó potiguar. Os resultados obtidos desdobraram-se em dimensões estéticas, pedagógicas e antirracistas, manifestadas nas três etapas da proposta metodológica.

A realização da oficina de iniciação teatral direcionada aos licenciandos em Pedagogia configurou-se como uma contrapartida social de profundo impacto formativo. Ao vivenciarem dinâmicas corporais e narrativas pautadas na estética do

ISSN: 2358-8829

Teatro Negro, os futuros educadores foram provocados a refletir sobre a dimensão ético-política do ato de educar.

A formação permitiu desmistificar a ideia de que o debate sobre as relações raciais na escola deve restringir-se a conteúdos meramente teóricos ou datas comemorativas. Ao trabalhar com relatos autobiográficos e percepções do próprio corpo, os estudantes de Pedagogia identificaram como o racismo estrutural atua no cotidiano escolar silenciando crianças e jovens negros. A troca de saberes entre a artista-pesquisadora e os graduandos consolidou a arte como eixo integrador de ensino, instrumentalizando-os com metodologias sensíveis para o exercício de uma prática pedagógica antirracista e emancipatória.

A encenação performática do monólogo Pele Preta estabeleceu uma atmosfera de intensa sensibilização e comoção no auditório universitário. A utilização da narrativa autobiográfica aliada a depoimentos de outras mulheres negras criou uma teia dramática que expôs a crueldade da violência de gênero e raça interseccionadas.

A cena inquietante forçou o público a confrontar episódios de racismo cotidiano que muitas vezes são naturalizados ou invisibilizados. A performance da atuadora Alessandra Augusta funcionou como um catalisador de empatia, permitindo que a plateia compreendesse a dimensão psíquica da dor e da exclusão relatadas por autoras como Kilomba (2019) e Souza (2021). A experiência estética desarmou posturas defensivas e estimulou a tomada de consciência crítica sobre os privilégios da branquitude e a urgência do engajamento coletivo no combate às discriminações.

O bate-papo pós-espetáculo caracterizou-se como um momento privilegiado de mediação cultural e elaboração reflexiva. A transição da cena teatral para a roda de conversa rompeu com a distância tradicional entre artista e espectadores, transformando o auditório em um território de escuta qualificada e acolhimento.

Durante a mediação, membros da comunidade acadêmica e externa relataram suas próprias vivências com o racismo e com os estereótipos associados às mulheres negras.

O diálogo confirmou a tese de Ribeiro (2017) de que a ocupação do lugar de fala por sujeitos subalternizados autoriza e encoraja outras vozes antes silenciadas a se pronunciarem. O bate-papo funcionou, assim, não apenas como um espaço de análise crítica da obra, mas como um ato coletivo de denúncia, partilha de saberes e fortalecimento de laços de solidariedade.

ISSN: 2358-8829

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O relato da experiência com a circulação do monólogo Pele Preta no I Circuito de Teatro e Dança Caravana Cultural (PROEX/UFRN), no contexto do VI SAARAS em Caicó-RN, evidencia a relevância da extensão universitária como vetor de transformação social e descentralização cultural.

A articulação entre a estética do Teatro Negro, a formação de futuros educadores e a reflexão teórica fundamentada em Djamila Ribeiro, Grada Kilomba e Neusa Santos Souza demonstrou que a criação artística e a práxis acadêmica podem atuar de forma complementar na desconstrução do racismo estrutural. O projeto reafirmou a importância de levar ao interior do estado produções cênicas que pautem a diversidade étnico-racial, descentralizando a fruição cultural e fortalecendo o debate sobre direitos humanos fora dos grandes centros urbanos.

Constatou-se que a proposta pedagógico-artística atingiu seus objetivos ao promover a empatia, estimular o pensamento crítico e instrumentalizar futuros professores do Seridó para uma atuação antirracista. A trajetória do espetáculo reafirma que a linguagem teatral, ao dar corpo e voz às memórias de dor, resistência e ancestralidade, constitui uma poderosa ferramenta de denúncia, cura e afirmação da autonomia de corpos negros. A UFRN, ao fomentar iniciativas dessa natureza, cumpre seu papel público de integrar ensino, pesquisa e extensão em prol de uma sociedade mais justa e plural.

REFERÊNCIAS

KILOMBA, Grada. **Memórias da plantação: episódios de racismo cotidiano**. Tradução de Jess Oliveira. Rio de Janeiro: Editora Cobogó, 2019. 248 p.

RIBEIRO, Djamila. **O que é: lugar de fala?**. Belo Horizonte: Letramento, 2017. 112 p. (Coleção Feminismos Plurais).

SOUZA, Neusa Santos. **Tornar-se negro: ou As vicissitudes da identidade do negro brasileiro em ascensão social**. Rio de Janeiro: Zahar, 2021. 171 p.